

A trajetória do herói de 1962: uma análise do documentário “Garrincha, Alegria do Povo” sob a luz da Jornada do Herói, de Joseph Campbell ¹

Bruno Navarini ROSA ²
José Carlos MARQUES ³

Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o documentário “Garrincha, Alegria do Povo” (1963, direção de Joaquim Pedro de Andrade), com o intuito de comparar a trajetória de Mané Garrincha retratada na obra com a estrutura da Jornada do Herói de Joseph Campbell, respeitado estudioso da mitologia universal. As reflexões propostas visam entender a maneira com a qual Garrincha vivenciou sua aventura mitológica, buscando elementos para embasar sua visão como um autêntico herói, capaz de obter seu elixir e compartilhá-lo com os demais, ou apenas como um herói comum, que cumpre seu destino de maneira mais difícil e sem alcançar todas as dádivas divinas.

Palavras-chave: Garrincha; Jornada do Herói; Futebol; Joseph Campbell.

Do campo às telas de cinema

Manuel Francisco dos Santos nasceu no anonimato, no pequeno distrito de Pau Grande, pertencente à cidade de Magé, Rio de Janeiro. Ainda na infância, recebeu de uma das irmãs o apelido pelo qual ficou conhecido internacionalmente anos depois: Garrincha, nome de um pássaro bastante comum na região onde cresceu e onde deu seus primeiros passos na carreira esportiva, jogando pelo Esporte Clube Pau Grande, time amador da fábrica de tecidos do município.

Apesar das pernas tortas, Garrincha era destaque dentro dos campos e, por isso, decidiu aventurar-se na capital carioca em busca do primeiro contrato profissional. Após ser rejeitado por Flamengo, Fluminense e Vasco, foi no Botafogo que o atleta encontrou seu lugar. Com 20 anos de idade, Mané Garrincha foi aprovado no teste alvinegro após chamar a atenção pelos dribles ousados sobre Nilton Santos, um dos principais jogadores do elenco e também do Brasil.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAAC-Unesp e graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela mesma instituição; email: b_navarini@hotmail.com

³ Orientador do Trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA – USP) e Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAAC-Unesp; email: zeca.marques@faac.unesp.br

As boas atuações proporcionaram ao futebolista a oportunidade de vestir a camisa da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1958, oportunidade na qual, ao lado de Pelé, Didi, Vavá e Nilton Santos – entre outros, conduziu o país ao seu primeiro título mundial. Mas foi somente na edição seguinte da Copa do Mundo, em 1962, que Mané Garrincha atingiu o auge de sua carreira na Seleção Brasileira. Com Pelé contundido ainda na primeira fase, o atleta do Botafogo assumiu o protagonismo e soube corresponder nos momentos em que o time mais precisou. O resultado foi o bicampeonato do Brasil e o surgimento de um herói nacional.

O estilo de vida e o estelato de Garrincha o transformaram no personagem ideal para o projeto arquitetado pelo produtor Luiz Carlos Barreto e também pelo jornalista esportivo Armando Nogueira: a produção do primeiro documentário nacional com temática futebolista. Tratava-se do filme “Garrincha, Alegria do Povo”, lançado em 1963. Mário Carneiro (fotografia), Heron Domingues (narração), David Neves (roteiro, câmera e fotografia) e Joaquim Pedro de Andrade (direção e roteiro) também fizeram parte da empreitada, sendo que a este último coube a grande responsabilidade de desenvolver o trabalho sob a luz dos preceitos do Cinema Verdade europeu e também do Cinema Direto americano, gêneros já estudados pelo então jovem diretor.

No entanto, mais do que produzir um filme influenciado por relevantes movimentos cinematográficos que amadureciam pelo mundo, Joaquim Pedro de Andrade, um dos pilares do Cinema Novo, também não perdeu a oportunidade de imprimir em sua obra algumas das características principais que identificavam o movimento cinematográfico brasileiro. Para Muniz (1967), a estética documental do Cinema Novo era marcada por um tom bastante crítico e autoral, com o intuito de lançar reflexões a respeito dos conflitos e contradições destacadas nas filmagens. Seria essa a forma encontrada pelo cinema para conhecer a realidade e almejar sua transformação, focando problemas e questões que deveriam fazer parte da consciência de todos os cidadãos brasileiros.

O grande objetivo de diretores como Glauber Rocha, Cacá Diegues e do próprio Joaquim Pedro de Andrade era desenvolver um cinema que destoasse dos padrões *hollywoodianos* impostos à população do Brasil na época. Mesmo com orçamentos modestos, a intenção era estimular a opinião pública por meio de obras com conteúdo, forma e orçamento coerentes com a realidade nacional.

Inspirados pelo despojamento do neo-realismo italiano, pelas inovações da *Nouvelle Vague* francesa e, mais proximamente, pelo cinema independente brasileiro dos

anos 1950, os cinemanovistas não queriam – nem poderiam – fazer filmes nos padrões do tradicional cinema narrativo de “qualidade”, americano em sua maioria, que o público brasileiro estava acostumado a ver. O cinema que pretendiam fazer deveria ser “novo” no conteúdo e na forma, pois seus novos temas exigiram também um novo modo de filmar. (CARVALHO, 2006, p.290).

A respeito dos principais traços característicos do Cinema Novo brasileiro, a pesquisadora Maria do Socorro Carvalho complementa:

A baixa qualidade técnica dos filmes, o envolvimento com a problemática realidade social de um país subdesenvolvido, filmada de um modo subdesenvolvido, e a agressividade, nas imagens e nos temas, usada como estratégia de criação, definiriam os traços gerais do Cinema Novo, cujo surgimento está relacionado com um novo modo de viver a vida e o cinema, que poderia ser feito apenas com uma câmera na mão e uma ideia na cabeça, como prometia o célebre lema do movimento. (CARVALHO, 2006, p.290).

Entretanto, além de alegrias no campo futebolístico, o ano de 1962 também marcava o Brasil pela conjuntura de crise econômica e política. A economia apresentava dificuldades para absorver os altos investimentos do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, o que resultou na alta da inflação e na diminuição do poder de compra da população. Enquanto isso, a eleição de Jango agitava o cenário político nacional, que presenciaria, apenas dois anos depois, um golpe militar que mudaria os rumos do país.

Dessa forma, o documentário de Joaquim Pedro de Andrade refletiu um pouco de tudo isso que movimentava o Brasil na época, traçando reflexões que giram em torno dos eixos futebol, povo e poder. Mais do que isso, a abordagem que trata da paixão do brasileiro pelo esporte e as consequências dessa relação em um nível exacerbado é tão destacada no longa-metragem que não é exagero algum dividi-lo em duas partes: a primeira, de caráter biográfico, conta a história do personagem Mané Garrincha; enquanto a segunda almeja compreender melhor o fenômeno da paixão entre o torcedor e o futebol.

Para contar a história de Manuel Francisco dos Santos, “Garrincha, Alegria do Povo” apresenta uma montagem temporal não linear, mais uma característica cinemanovista em oposição à tradicional maneira hollywoodiana de narrar histórias. A trama desenrola-se inicialmente na Copa do Mundo de 1962, regressa no tempo para contar a edição do Mundial de 1958, volta novamente para 1962 e, por fim, culmina na Copa do Mundo de 1950, disputa na qual Garrincha nem esteve presente. O intuito de incluir no roteiro a Copa

do Mundo realizada no Brasil e conhecida pelo trágico episódio do *maracanazo*⁴ é fornecer o anticlímax adequado para a parte mais crítica do documentário, que propõe a visão do futebol como elemento alienador das massas.

“Garrincha, Alegria do Povo” se inicia com uma série de diversas imagens estáticas de dribles e jogadas de Garrincha, que se alternam rapidamente na tela em diversos enquadramentos de câmera. Com o objetivo de oferecer um pequeno aperitivo para o que viria especialmente no que denominamos a segunda parte do documentário, Joaquim Pedro insere também, em meio a tais imagens de lances futebolísticos, fotos de Garrincha ao lado dos presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart, sugerindo a sintonia existente entre política, poder e esporte.

Na sequência, o documentário passa então a expor seu caráter biográfico e a narrar a vida de Mané Garrincha dentro e fora dos gramados. Também optando pela não linearidade, o longa-metragem não tem início nos primórdios da carreira de Garrincha, optando por retratá-lo já vestindo a camisa do clube Botafogo de Futebol e Regatas. A exposição do atleta fora da vida profissional fica por conta de entrevistas com o próprio jogador ou com outros indivíduos relacionados à vida do atleta, como o médico que cita o problema de suas pernas tortas, e também com filmagens realizadas no município de Pau Grande, onde os amigos e a família de Garrincha residiam ao menos até o momento das filmagens.

Os passos do futebolista retratados no documentário podem muito bem ser analisados sob a ótica da Jornada do Herói, uma estrutura proposta pelo estudioso norte-americano Joseph Campbell para abarcar elementos que estariam presentes em toda e qualquer narrativa mitológica, não importando o local ou o tempo no qual a história é criada ou contada. A saga do herói, basicamente,

[...] vem representar o mortal, que transcendendo essa sua condição aproxima-se dos deuses em razão de um grande feito. A realização de prodígios é quase sempre uma mistura de força, coragem e astúcia, caracterizando essa figura não como alguém dotado apenas de força bruta, mas como uma figura particular, capaz de realizar mais do que apenas a força lhe daria condições. (RUBIO, 2001, p.99).

A professora e educadora Katia Rubio (2001) complementa a questão citando o fato de que, na contemporaneidade, os atletas de alto rendimento podem ser vistos como “uma espécie de herói onde quadras, campos, piscinas e pistas assemelham-se a campos de batalhas em dias de grandes competições” (RUBIO, 2001, p. 99).

⁴ Termo utilizado para designar a partida que decidiu a Copa do Mundo de 1950, na qual o Brasil foi derrotado pela seleção uruguaia pelo placar de 2 a 1.

A estrutura universal proposta por Campbell

A Jornada do Herói de Joseph Campbell gira em torno do conceito do monomito, termo que designa os três estágios no qual o herói obrigatoriamente vivenciará durante sua aventura: a Separação, a Iniciação e o Retorno.

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 2007, p. 36).

Por sua vez, tais tópicos também estão subdivididos em estágios mais detalhados, que permitem analisar com mais propriedade a evolução do personagem bem como as escolhas que são propostas em seu caminho.

Cinco partes compõem a primeira etapa da Jornada, intitulada Separação. Primeiramente, o herói se vê diante do “chamado da aventura”, situação na qual “o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida” (CAMPBELL, 2007, p.66). Diante do fato, é comum que o indivíduo titubeie, ignorando o chamado e distraído-se com outros elementos, o que é interpretado por Campbell como a dificuldade em abandonar os interesses próprios em prol da busca pelo bem da sociedade. No entanto, para aqueles que conseguiram superar a “recusa do chamado” e decidiram ingressar na aventura, surge a etapa do “auxílio sobrenatural”, que narra o encontro do herói com “uma figura protetora (que, com frequência, é uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o projetam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se” (CAMPBELL, 2007, p. 74).

Neste momento, é possível identificar o contato com o primeiro arquétipo da Jornada do Herói, um importante elemento para evitar o enfraquecimento, a desmotivação e até a desistência por parte do herói em prosseguir com sua aventura. O termo arquétipo, desenvolvido pelo psicólogo suíço Carl G. Jung, estabelece a existência de “antigos padrões de personalidade que são uma herança compartilhada por toda a raça humana” (VOGLER, 2006, p.69). Isso comprova a presença de estruturas regidas por inconscientes coletivos, que são semelhantes em diversas situações e, conseqüentemente, em todas as jornadas. Dentre as principais funções exercidas pelas figuras arquetípicas, destacam-se a ameaça, enfrentamento, perseguição, socorro e encorajamento do protagonista.

Uma vez devidamente aconselhado e decidido a seguir seu destino, o herói chega então à “passagem pelo primeiro limiar”, marcada pela superação dos limites do mundo convencional e o ingresso no mundo misterioso, onde a aventura se desenrolará.

Além desses limites, estão as trevas, o desconhecido e o perigo, da mesma forma como, além do olhar paternal, há perigo para a criança e, além da proteção da sociedade, perigo para o membro da tribo. A pessoa comum está mais do que contente, tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado. (CAMPBELL, 2007, p. 82).

Assim que abandona oficialmente o universo das pessoas comuns, o herói entra na etapa do “ventre da baleia”, que faz menção ao fato de que, assim que a passagem do limiar mágico dos mundos é realizada, o herói é lançado no desconhecido, quase em uma experiência de morte, almejando o renascimento de seu próprio ser.

O escolhido adentra então na fase Iniciação do monomito, subdividida em seis tópicos que traçam a jornada a partir do momento em que o personagem deixa o mundo natural. Em “o caminho de provas”, “o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluídas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas”. (CAMPBELL, 2007, p. 102). Os diversos desafios que deverão ser superados pelo herói servem para deixar claro que:

A partida original para a terra das provas representou, tão somente, o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iluminação. Cumpre agora matar dragões e ultrapassar surpreendentes barreiras – repetidas vezes. Enquanto isso, haverá uma multiplicidade de vitórias preliminares, êxtases que não se podem reter e relances momentâneos da terra das maravilhas. (CAMPBELL, 2007, p.110)

As próximas etapas da Separação ocorrem durante a chamada aventura última, aquela que é vista como a principal barreira a ser superada pelo herói para conquista de seu objetivo, de seu elixir. “O encontro com a Deusa” e “a mulher como tentação” trazem à tona a imagem feminina como símbolo da vida, situação na qual o herói, em sintonia com a rainha-deusa do mundo, atinge seu status de mestre. Em “a sintonia com o pai”, o protagonista adquire a consciência da figura masculina como elemento conselheiro e protetor na jornada, um elemento importante para atingir o potencial capaz de libertá-lo dos terrores da ignorância, deixando-o pronto para vivenciar a fase da “benção última”, quando, devidamente pronto, supera seu obstáculo final sem tanta dificuldade.

A facilidade com que a aventura é realizada aqui significa que o herói é um homem superior, um rei nato. Essa facilidade distingue numerosos contos de fadas, bem como todas as lendas das façanhas de deuses encarnados. Onde o herói comum teria um teste diante de si, o eleito não encontra empecilho e não comete erros. (CAMPBELL, 2007, p. 163).

Chega o momento então de o herói vivenciar a última categoria do monomito, o Retorno. Da mesma forma como o escolhido relutou em atender ao chamado da aventura, é perfeitamente cabível que ele também enfrente “a recusa do retorno”, visto que a responsabilidade por compartilhar o elixir no mundo humano é muito grande. Mas, entendendo que o seu destino deve ser cumprido, o herói parte para o regresso, que poderá ser realizado tanto de maneira tranquila quanto com grandes tumultos, especialmente se o troféu da aventura foi conquistado “com a oposição do seu guardião, ou se o desejo do herói no sentido de retornar para o mundo não tiver agradado aos deuses ou demônios [...]” (CAMPBELL, 2007, p. 198). Surgem então as etapas da “fuga mágica”, “resgate com auxílio externo” (quando o herói é auxiliado por uma figura comum, simbolizando o mundo humano indo ao seu encontro para o resgate), e “passagem pelo limiar do retorno”, quando a volta do herói é, enfim, concretizada.

Por fim, as etapas “senhor dos dois mundos” e “liberdade para viver” apresentam as grandes conquistas que devem ficar para o herói diante da aventura vivida: a capacidade de transitar livremente entre os dois mundos agora conhecidos, bem como o compartilhamento do elixir, da sabedoria obtida durante a jornada.

A ideia geral é que é preciso demonstrar aquilo que você foi recuperar, o potencial irrealizado, não utilizado, em você. O sentido dessa jornada é a reintrodução desse potencial no mundo, ou seja, naqueles que vivem no mundo. Deve-se devolver esse tesouro do saber e integrá-lo à vida racional. Nem preciso dizer, isso é muito difícil. Resgatar a dívida pode ser mais difícil do que descer às profundezas de si mesmo. (CAMPBELL, 2008, p. 143).

A aventura de Garrincha

A opção de Joaquim Pedro de Andrade pela construção de um documentário não linear, conseqüentemente, faz com que a análise da Jornada do Herói de Garrincha também não se inicie nas primeiras etapas ou até mesmo no primeiro ciclo do monomito descrito por Campbell.

Dessa forma, a primeira tarefa consiste em identificar em qual momento da Jornada o atleta estaria vivenciando para, a partir disso, localizar os demais passos de sua trajetória.

As imagens iniciais de “Garrincha, Alegria do Povo” apresentam o jogador já com a camisa da Seleção Brasileira, o que o situaria, no mínimo, na etapa denominada “o caminho de provas”, onde estaria vivenciando mais uma de suas provações para mostrar seu valor e dons divinos.

Uma vez classificando a jornada de Garrincha em uma das fases do tópico Iniciação do monomito, é possível concluir a superação pelo protagonista das etapas do primeiro ciclo, a Separação, tais como a aceitação em “o chamado da aventura”, quando escolheu seguir seu destino e buscar as conquistas que o futebol poderia lhe proporcionar, e a “passagem pelo primeiro limiar”, oportunidade na qual deixou sua cidade natal para dar prosseguimento a sua carreira profissional, conquistando assim a oportunidade de representar a Seleção Brasileira em uma partida oficial.

Os elementos que comprovam a passagem de Garrincha pelas etapas de Separação do monomito são apresentados apenas posteriormente no longa-metragem, quando, ao narrar a história da amizade entre Garrincha e seus amigos Pincel, Swing e Altair, a *voz over* explica que todos começaram a trabalhar juntos como tecelões na fábrica do município, mas, mesmo dormindo durante o expediente, Mané só não era demitido para atuar no time de futebol da empresa nos finais de semana. Eis aqui um exemplo tanto do “chamado da aventura”, que já se manifestava pela habilidade em praticar futebol, quanto da “recusa do chamado”, já que Garrincha insistia em levar sua vida simples, sem esforço no trabalho e utilizando seu dom apenas para benefício próprio, que consistia no fato de manter-se empregado.

Um relato médico apresentado durante o documentário cita o fato de que qualquer médico impossibilitaria Mané Garrincha para a prática esportiva, devido a suas pernas tortas. Assim, tais médicos assumem o papel da figura arquetípica do Guardião de Limiar, mais um obstáculo da Jornada do Herói que tenta impedir a entrada de quem não for digno no mundo desconhecido da aventura. Mas, como cita a obra, Garrincha não confiava apenas nos médicos e procurava os feitiços de uma benzedeira para contornar seus problemas. No caso, a velha sábia citada na etapa do “auxílio sobrenatural”, cujos poderes protegeriam o herói durante a empreitada.

Outra inversão da linearidade temporal detectada de acordo com a estrutura apresentada por Campbell está no fato de que, primeiramente, é contada a “benção última” de Garrincha, que foi a Copa do Mundo de 1962, quando o herói assume a responsabilidade que lhe era devida e conduz o Brasil ao bicampeonato Mundial, para depois retornar ao

Mundial de 1958, mais um evento do “caminho de provas” de Garrincha, no qual, apesar de alguns tropeços do herói, o Brasil também se sagrou campeão do Mundo.

Entretanto, vale a pena ressaltar que, diferentemente do proposto por Campbell, a “benção última” de Garrincha não aponta a superação dos obstáculos da aventura sem dificuldades. Muito pelo contrário, o futebolista não tem boa atuação na partida de estreia, atuou sem estar na melhor forma física, foi expulso na semifinal da competição (e reintegrado ao elenco na final graças a uma intervenção política que contou, inclusive, com pedido de Manuel Prado Ugarteche, presidente do Peru na época) e jogou a final do torneio com 39 graus de febre.

A figura governamental que auxiliou Garrincha a obter êxito em sua grande aventura, permitindo que o atleta participasse da partida final, pode ser enquadrada na etapa “a sintonia com o pai”, na qual a intervenção da “figura masculina do auxiliar, por intermédio de cuja magia (amuletos de pólen ou poder de intercessão) ele é protegido ao longo de todas as assustadoras experiências [...]”. (CAMPBELL, 2007, p.128). Vale ressaltar que, dessa forma, a etapa “sintonia do pai” surgiria durante “a benção última” e não anteriormente, como o proposto na Jornada do Herói. A esse respeito, o roteirista *hollywoodiano* Christopher Vogler salienta que:

A Jornada do Herói é uma armação, um esqueleto, que deve ser preenchido com os detalhes e surpresas de cada história individual. A estrutura não deve chamar a atenção, nem deve ser seguida com rigidez demais. A ordem dos estágios que citamos aqui é apenas uma das variações possíveis. Alguns podem ser eliminados, outros podem ser acrescentados. Podem ser embaralhados. Nada disso faz com que percam seu poder. (VOGLER, 2006, p. 67).

Uma vez reunidos os elementos do documentário que assinalam a passagem de Garrincha pelos ritos da Separação e Iniciação, é dado o momento de analisar com especial atenção os elementos que narram a fase de Retorno do monomito, momento no qual o elixir obtido é compartilhado com o mundo, sendo este o grande sentido da Jornada do Herói.

A ideia geral é que é preciso demonstrar aquilo que você foi recuperar, o potencial irrealizado, não utilizado, em você. O sentido dessa jornada é a reintrodução desse potencial no mundo, ou seja, naqueles que vivem no mundo. Deve-se devolver esse tesouro do saber e integrá-lo à vida racional. Nem preciso dizer, isso é muito difícil. Resgatar a dívida pode ser mais difícil do que descer às profundezas de si mesmo. (CAMPBELL, 2008, p. 143).

As dificuldades de Garrincha em lidar com tais tarefas são nítidas no documentário. Primeiramente, o atleta demonstra não gostar e não saber lidar com a fama conquistada por seus feitos heroicos, ou seja, pela adoração dos homens comuns por aquele cujos dons especiais podem restaurar o mundo. Mas mesmo assim, após reclamar pela falta de tranquilidade em seu cotidiano, o futebolista admite que, apesar de não gostar da idolatria, entendia que era algo que o povo precisava para viver. Eis aqui a dificuldade de Garrincha em lidar com a “passagem pelo limiar de retorno” e com a tarefa de disseminar os conhecimentos adquiridos em sua aventura.

No que diz respeito à etapa “senhor dos dois mundos”, novamente Mané Garrincha é retratado como uma figura com problemas para transitar com liberdade entre os mundos humano e aventureiro. “Garrincha, Alegria do Povo” cita que, após 10 anos de atuação no clube Botafogo de Futebol e Regatas (o que nos situa no ano de 1963, um ano após a conquista da “benção última”, o bicampeonato Mundial com a Seleção Brasileira), Garrincha é um veterano impaciente com os treinamentos e com tendência a engordar. Assim, seu retorno ao mundo do desconhecido, no caso o mundo da aventura futebolística, são marcados pela ausência da bravura, dedicação e heroísmo que tradicionalmente marcam a personalidade e a Jornada do escolhido.

Por fim, Garrincha também não se comporta da maneira esperada na “liberdade para viver”, onde, dotado de conhecimento e dádivas divinas, compartilharia com sabedoria seus dons pelo mundo. Mesmo após concluir sua aventura, Garrincha prefere retomar sua vida comum: continuou voltando para Pau Grande, onde sua família ainda vivia, e atuando, nas horas vagas, como meio-campista do time do município.

Tendo sobrevivido a todas as provações e passado pela morte, os heróis regressam a seu ponto de partida, voltam para casa ou continuam a Jornada. Mas prosseguem com a sensação de que estão começando uma nova vida, que, por causa do caminho que acabaram de percorrer, jamais voltará a ser como antes. Se são heróis mesmo, retornam com o Elixir do Mundo Especial, trazem algo para compartilhar com os outros, alguma coisa com o poder de curar a terra ferida. (VOGLER, 2006, p.303).

A ponderação de Christopher Vogler a respeito de que a comprovação da veracidade do herói está diretamente ligada a sua capacidade em retornar da aventura com o elixir e compartilhá-lo com os demais se sustenta na própria diferenciação entre o herói comum e o herói eleito proposta por Campbell. O exemplo que melhor distingue as duas categorias do aventureiro é a maneira com a qual o protagonista triunfa em a “benção última”, uma vez

que “onde o herói comum teria um teste diante de si, o eleito não encontra nenhum empecilho e não comete erros” (CAMPBELL, 2007, p.163).

Considerações finais

Antes de tecer quaisquer conclusões a respeito da análise da trajetória de Garrincha sob a ótica da Jornada do Herói de Joseph Campbell, é importante salientar que o estudo proposto neste trabalho debruçou-se exclusivamente sobre os fatos da carreira do atleta retratados na obra “Garrincha, Alegria do Povo”, um documentário que se destaca não apenas pela relevância e pioneirismo no Brasil, mas também por ser um trabalho desenvolvido com o intuito de retratar o futebolista após sua mais significativa conquista, ou, em outras palavras, em seu auge. Dessa forma, as reflexões aqui propostas não englobam propriamente a carreira completa de Garrincha, mas apenas os momentos vividos até o ano de 1963 e, ainda assim, levando em conta exclusivamente a maneira como Joaquim Pedro de Andrade desenvolveu a narrativa em seu longa-metragem.

A análise do documentário “Garrincha, Alegria do Povo” sob a luz da Jornada do Herói deixa claro que o atleta transitou pelas três etapas do monomito, a Separação, a Iniciação e o Retorno, vivenciando cada fase sem distinções significativas ao modelo proposto por Campbell.

Em um breve resumo, Mané Garrincha nasceu no mundo comum, no pequeno distrito carioca de Pau Grande, e, superando a “recusa do chamado”, que proporcionava uma vida preguiçosa e satisfatória na fábrica de tecidos, aceitou “o chamado da aventura” para se tornar jogador profissional de futebol. A “passagem pelo primeiro limiar” veio com a aprovação no Botafogo de Futebol e Regatas, oportunidade na qual enfrentou diversos desafios em seu “caminho de provas”, tanto com a camisa do clube quanto com a da Seleção Brasileira.

A “benção última” de Mané foi a conquista da Copa do Mundo de 1962, quando, com uma série de significativas dificuldades, conduziu o Brasil ao bicampeonato mundial. O retorno ao município de Pau Grande e a convivência com os antigos amigos comprovam a “passagem pelo limiar de retorno”, enquanto a continuidade da carreira profissional e a fama do atleta em meio aos homens comuns evidenciam, respectivamente, as etapas “senhor dos dois mundos” e “liberdade para viver”.

É possível, no entanto, notar a ausência de determinadas etapas da Jornada do Herói na trajetória de Garrincha. A explicação para o fato pode estar tanto na opção de Joaquim

Pedro de Andrade em promover determinados recortes na narrativa, deixando de fora certos fatos da carreira do atleta, quanto na afirmação de Campbell, que classifica a estrutura como flexível, na qual “diferentes personagens ou episódios podem ser fundido(as), assim como um elemento simples pode reduplicar-se e reaparecer sob muitas formas diferentes” (CAMPBELL, 2007, p.242).

Dessa maneira, é possível crer no sucesso de Garrincha no cumprimento de sua Jornada do Herói, classificando-o como uma figura com potencial mitológico. Entretanto, todas as dificuldades apresentadas pelo atleta durante sua “benção última” e também no momento de compartilhamento do elixir o credenciam ao status de herói comum, visto que, conforme já citado neste mesmo estudo, apenas os heróis eleitos não encontram empecilhos na realização de seu principal desafio e retornam do mundo especial aptos e cientes da importância em compartilhar o elixir obtido com o restante da sociedade.

O Mané Garrincha de Joaquim Pedro de Andrade encarou seus desafios e saiu triunfante, com a aprovação e adoração dos homens comuns, mas não atingiu sua plenitude heroica, fato este que, apesar de alterar sua classificação entre as divindades mitológicas, não diminui seus feitos a ponto de denegri-lo ou prejudica-lo na memória e paixão dos brasileiros.

Referências

CAMPBELL, J. **Mito e transformação**. São Paulo: Ágora, 2008.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CARVALHO, M. S. Cinema novo brasileiro. In: MASCARELLO, F. (Org). **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GARRINCHA Alegria do Povo. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Produção: Armando Nogueira e Luiz Carlos Barreto. Rio de Janeiro: Produções Cinematográficas Herbert Richers S.A.; Produções Cinematográficas Luiz Carlos Barreto, 1963. 35mm, BP, 61 min.

MARQUES, L. M. Profissionalismo e amadorismo no futebol brasileiro: análise do filme Garrincha, alegria do povo (1963). **Recorde**, Rio de Janeiro, v.8, n.2, jul-dez/15.

MELO, V. A. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v.20, n.4, out-dez/2006.

MUNIZ, S. **Cinema direto**: anotações. São Paulo: Mirante das Artes, 1967. N.1, jan/fev.

O ÍDOLO MANÉ GARRINCHA. **Estádio Nacional de Brasília**. Disponível em: <<http://www.estadionacionaldebrasil.com.br/oidolo>>. Acesso em: 01 jul. 2016.

REDES FILHO, H. A. **Garrincha:** o herói mítico. Contribuição para o estabelecimento de uma história de vida. Porto, Portugal: Universidade do Porto, 2012.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói:** o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

VOGLER, C. **A jornada do escritor:** estruturas míticas para escritores. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.